

Pronomes clíticos na aprendizagem de PLE: um estudo empírico sobre a sua produção por falantes de chinês

WENJUN GU¹

Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai / Universidade Nova de Lisboa

1. Introdução

Os pronomes clíticos parecem constituir um aspeto problemático na aquisição do português europeu (PE). Estudos efetuados sobre o PE como língua materna revelaram atrasos na aquisição dos pronomes clíticos por crianças, em comparação com outras línguas românicas (Costa & Lobo, 2013; Costa, Fiéis & Lobo, 2015). Observaram-se também assimetrias na aquisição dos seus padrões de colocação em diferentes contextos (Costa, Fiéis & Lobo, 2015) assim como taxas consideráveis de omissão (Costa & Lobo, 2007a), especialmente dos clíticos acusativos não reflexos, que são omitidos até muito tarde (Costa & Lobo, 2007b; Silva, 2008).

Na esfera de língua estrangeira (LE), os pronomes clíticos são mencionados como um dos aspetos em que se encontram “desvios mais frequentes nas produções dos aprendentes de português de etnia chinesa” (Grosso, 1999) ou como “um dos problemas principais dos alunos chineses na aprendizagem da língua portuguesa” (Mai, 2006).

Alguns trabalhos realizados na área referiram a dificuldade encontrada pelos aprendentes chineses na aquisição de pronomes clíticos, nomeadamente nos padrões de colocação (Grosso, 1999; Mai, 2006; Gu, 2017); outros revelaram indícios de que os aprendentes chineses apresentam “uma taxa mais reduzida de produção de clíticos e uma taxa mais elevada de omissão”, em

¹ O presente trabalho faz parte de um estudo sobre a aquisição de pronomes clíticos por falantes nativos de chinês, que aprendem o português europeu como língua estrangeira. Trata-se de um trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de doutoramento (No. 201506900058), financiado pelo Conselho das Bolsas de Estudo da China ("China Scholarship Council", CSC), com base nos resultados de um teste-piloto, sob a orientação da Professora Doutora Ana Madeira.

comparação com os outros aprendentes, falantes nativos de inglês ou de espanhol (Fiéis & Madeira, 2016).

Todavia, poucas informações foram encontradas para uma abordagem sistemática e aprofundada sobre a matéria. Ficamos sempre com uma ideia de que os nossos alunos têm dificuldades em usar corretamente, ou adequadamente, os pronomes clíticos em português europeu, no entanto, faltam-nos estudos suficientes que permitam confirmar esta ideia e perceber melhor este fenómeno.

Se a posição dos pronomes clíticos é problemática para os alunos, será que o seu uso é igualmente problemático em todos os contextos? Será que a omissão é a estratégia principal à qual recorrem os aprendentes chineses para evitar o uso dos pronomes clíticos? O estatuto problemático deste fenómeno linguístico nos falantes nativos de chinês é provocado pela influência da língua materna ou deve-se às propriedades específicas da língua-alvo? Estas questões ainda se encontram em aberto.

Tendo como objetivo dar um contributo para esta reflexão, realizámos o presente estudo.

2. Pronomes clíticos em português europeu e “em chinês”

Para os alunos chineses, a aprendizagem dos pronomes clíticos em português é, na verdade, um processo de aquisição de uma categoria totalmente nova, inexistente na sua língua materna, dado que, na língua chinesa, não existem pronomes clíticos.

Como se mostra na Tabela 1, nas situações em que se empregam pronomes clíticos em português, usam-se, em chinês, pronomes fortes, cujas formas são idênticas às dos pronomes pessoais nominativos.

Tabela 1. Pronomes clíticos em português europeu e “em chinês”

Português Europeu					Chinês				
	Pessoa	Acusativo	Dativo	Acusativo/ Dativo		Pessoa	Não-reflexo	Reflexo	
Sg.	1. ^a	me	me	me	VS.	Sg.	1. ^a	我wo	自己ziji
	2. ^a	te	te	te			2. ^a	你ni/您nin	
	3. ^a	o/a	lhe	se			3. ^a	他ta/她ta/它ta	
Pl.	1. ^a	nos	nos	nos		Pl.	1. ^a	我们wo men	
	2. ^a	vos	vos	vos			2. ^a	你们ni men	
	3. ^a	os/as	lhes	se			3. ^a	他们ta men /她们ta men /它们ta men	

* Nota: Os clíticos “acusativos” e “dativos” correspondem aos pronomes não reflexos em PE, ao passo que os “acusativos/dativos” se referem aos pronomes reflexos.

Em comparação com os pronomes clíticos em português europeu, os pronomes pessoais complemento em chinês apresentam diferenças também no que diz respeito aos seus padrões de colocação. Os pronomes clíticos, em PE, encontram-se em posições proclítica, enclítica e mesoclítica, enquanto, em chinês, se colocam os pronomes em posição *pós-verbal*; os pronomes só são colocados em posição *pré-verbal* em contextos muito restritos (Tabela 2).

Tabela 2. Colocação de pronomes (complemento) em português europeu e em chinês

Posição	Português Europeu	Chinês
Pré-verbal	A. Em orações principais <ul style="list-style-type: none"> • orações negativas • orações introduzidas por certos quantificadores • orações com determinados advérbios em posição pré-verbal • orações interrogativas e exclamativas <i>qu-</i> B. Em orações subordinadas finitas C. Em orações infinitivas flexionadas introduzidas por determinadas preposições	A. Na estrutura “Ba” B. Com o pronome reflexo “Ziwo”
Pós-verbal	Casos em que não é obrigatória a próclise	Geralmente
Intra-verbal	Quando os pronomes clíticos aderem a verbos nas formas do condicional ou do futuro, em contextos em que não é obrigatória a próclise	✘

Vale a pena mencionar que, nos estudos sobre o português europeu como língua materna, observaram-se assimetrias na aquisição de colocação de clíticos, sugerindo que: (i) A próclise poderá ser mais difícil e tardiamente adquirida do que a ênclise; (ii) Os diferentes contextos de posição proclítica são gradualmente adquiridos pelas crianças e segue-se um determinado percurso de aquisição. A ordem foi descrita como a seguinte: negação > sujeito negativo/orações completivas finitas > advérbios > orações adverbiais finitas > quantificadores (sujeito) (Duarte, Matos & Faria, 1995; Costa, Fiéis & Lobo, 2015).

3. Objetos nulos nas duas línguas

Por outro lado, à semelhança do que acontece em PE, a língua chinesa dispõe também da construção de objeto nulo (Exemplo 1).

(1) a. Se achas que *esse livro* é chato, eu não (*o*) compro.

b. Ruguo ni juede zheben shu buhaokan, na wo bu mai (*ta*) le.
se tu achar este livro chato, então eu não comprar (ele) LE
Se achas que esse livro é chato, eu não (o) compro.

A diferença entre as duas línguas neste âmbito reside nas restrições à ocorrência de objetos nulos. Os objetos nulos em português, de acordo com Raposo (1986), são normalmente condicionados pelas “ilhas fortes”, por exemplo, orações relativas e orações adverbiais (Exemplo 2); no entanto, em chinês, não se observam restrições semelhantes (Exemplo 3):

- (2) a. * Ontem o Mário foi ver *aquele filme* com a namorada ao cinema perto de casa e encontrou lá a sua irmã, que também foi ver [-] com o namorado.
- b. * Hoje a Maria tem de voltar para casa sozinha porque os pais não conseguem vir buscar [-].
- (3) a. Wo hai mei kanguo nabu dianying. Dan wo you yige pengyou kanguo, shuo hen haokan.
eu ainda não ver aquele filme. mas eu ter um amigo ver, dizer muito bom
Eu ainda não vi o filme, mas tenho um amigo que já [-] viu e disse que era muito bom.
- b. Wo zuihou mei mai naben shu, yinwei mei zai shudian li zhaodao.
eu finalmente não comprar aquele livro, porque não em livraria dentro encontrar
Acabei por não comprar o livro porque não [-] encontrei na livraria.

Estudos sobre a aquisição de PE como L1 (Costa & Lobo, 2006, 2007a; Costa, Lobo & Silva, 2009) mostraram que se verificam taxas elevadas de omissão de pronomes clíticos até idades bastante tardias e este fenómeno, conforme alguns destes estudos (Costa & Lobo, 2007a, 2009, 2010), poderá estar relacionado com a disponibilidade de objetos nulos na língua.

A partir destas informações, consideramos necessário e interessante um estudo empírico que procure analisar a aquisição dos pronomes clíticos por aprendentes chineses de português, refletindo sobre o estatuto e a dificuldade de domínio das propriedades dos clíticos, delinear o seu desenvolvimento na gramática da interlíngua do grupo-alvo de estudo, assim como os efeitos que o chinês e o português poderão ter neste processo, o que poderá permitir-nos eventualmente conhecer melhor a aquisição de uma língua estrangeira.

4. Presente Estudo

4.1. Objetivos do estudo

O presente trabalho, como um estudo piloto, pretende abordar dois aspetos:

1) Produção/omissão de pronomes clíticos

Em princípio, concentramo-nos na exploração do fenómeno de omissão de pronomes clíticos nas produções dos aprendentes chineses. Procuramos verificar:

i. Se os aprendentes chineses omitem pronomes clíticos;

ii. Se sim, se omitem, como observado em PE L1, mais pronomes clíticos não reflexos do que reflexos;

iii. Se a posição dos clíticos (enclítica ou proclítica) tem um efeito sobre a sua omissão;

iv. Se os aprendentes chineses têm algum conhecimento sobre as restrições (ilhas) à ocorrência de objetos nulos.

2) Colocação de pronomes clíticos

No âmbito da colocação, pretende-se explorar:

i. Se, como acontece em PE L1, a próclise parece mais difícil e é mais tardiamente adquirida do que a ênclise;

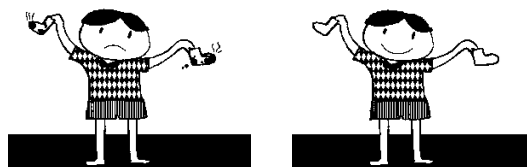
ii. Se os padrões de colocação em diferentes contextos são adquiridos todos ao mesmo tempo, ou se a sua aquisição segue uma determinada sequência, tal como registado em L1.

4.2. Metodologia

Neste trabalho, recorreremos a uma tarefa de produção induzida com imagens (sob a inspiração dos trabalhos realizados por Costa, Lobo & Pratas, 2013; Costa, Fiéis, & Lobo, 2015 e Fiéis & Madeira, 2016). Pretende-se provocar, com o apoio de situações previamente desenhadas, produções orais de pronomes clíticos em português por parte dos participantes.

O teste foi realizado do seguinte modo: mostrou-se a cada participante uma série de imagens, em que um (ou mais) personagem está a fazer alguma coisa. Iniciou-se uma conversa com o participante em torno do que está a acontecer nas imagens, e depois colocou-se uma pergunta relacionada com estas. Era esperado que, na resposta, os participantes, conforme diferentes contextos, produzissem clíticos em diferentes posições, ou que omitissem clíticos. Segue-se um exemplo:

Exemplo 4. Item de exemplo das orações simples sem proclisadores



Investigadora - *O menino tem duas meias na mão. As meias estão sujas.
Olha, agora, as meias estão limpas.
O que é que ele fez às meias?*

Resposta alvo - (Ele) lavou-as. / (Ele) lavou [-].

Foram testados 6 contextos²:

- i. orações simples sem proclisadores
- ii. orações simples negativas (*não*)
- iii. orações simples introduzidas por quantificador proclisador (*todos*)
- iv. orações simples com advérbio proclisador (*também*)
- v. orações completivas (*que*)
- vi. orações adverbiais (*porque*)

Em todas as condições, metade dos clíticos induzidos eram reflexos e metade eram não reflexos. Distribuíram-se os itens desta forma, porque gostaríamos de verificar se, nas produções dos aprendentes chineses de PE LE, também se encontra mais omissão dos pronomes clíticos não reflexos do que dos reflexos.

A tarefa incluiu no total 36 itens de teste, que induzem a produção de pronomes acusativos, reflexos e não reflexos, de 3.^a pessoa, para além de 18 distratores.

4.3. Participantes

Participaram no nosso estudo 20 estudantes chineses, que estavam a fazer intercâmbio na Universidade de Aveiro. Foram divididos em dois grupos conforme o tempo da sua aprendizagem de português. Foi incluído também um grupo de controlo, composto por 10 estudantes portugueses, que frequentam a mesma universidade.

Registaram-se as características dos participantes, como se mostram na Tabela 3:

Tabela 3. Participantes

	Grupo 1	Grupo 2	Controlos
Idade	20-21 (20;7)	21-26 (23;5)	18-33 (20;7)
T. de aprendizagem	<= 2 anos	> 2 anos	/
L1	Chinês (mandarim)	Chinês (mandarim)	Português (europeu)
Outras L2	Inglês (n=10); Espanhol (n=1); Coreano (n=1)	Inglês (n=10); Espanhol (n=2); Japonês (n=1).	Alemão (n=5); Espanhol (n=5); Francês (n=4); Inglês (n=10); Chinês (n=7)
Nº. de participantes	10	10	10

² A posição mesoclítica não foi incluída como objeto do teste, já que se trata de uma forma alternativa da ênclise e mais marcada.

5. Resultados

Com o teste, obtiveram-se dados de produção, como se mostra a seguir:

(1) Produção

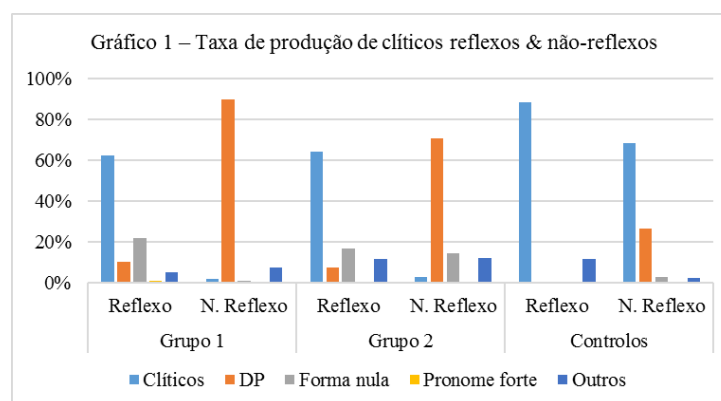
Tabela 4. Resultados globais

	Grupo 1	Grupo 2	Controlos
Clítico	31,9%	33,6%	78,3%
DP	50%	38,9%	13,3%
Forma nula	11,4%	15,6%	1,4%
Pronome forte	0,6%	0%	0%
Outros	6,1%	11,9%	6,9%

De um modo geral (Tabela 4), os alunos chineses não parecem dar preferência aos pronomes clíticos na produção oral induzida nos contextos testados. As expressões nominais plenas, por sua vez, constituíram uma alternativa a que os participantes recorreram com bastante frequência, embora se tenha observado uma diminuição no seu uso pelos informantes do grupo 2.

Parece registrar-se o fenómeno de omissão na produção dos participantes chineses, mas a taxa é bastante reduzida, porém, mais elevada do que no grupo de controlo, e, não foi observada muita diferença entre os dois grupos de participantes chineses.

À semelhança do que se observou nos estudos anteriores de português europeu como língua materna (Silva, 2008; Costa & Lobo, 2007b), os nossos participantes chineses produziram mais clíticos nos contextos reflexos do que nos não reflexos (Gráfico 1).



Na verdade, quase não foram produzidos clíticos não reflexos pelos participantes. Por outro lado, observou-se uma taxa de omissão mais elevada nos contextos reflexos, em que a omissão é ilegítima, do que nos não reflexos, nomeadamente entre os participantes do grupo 1.

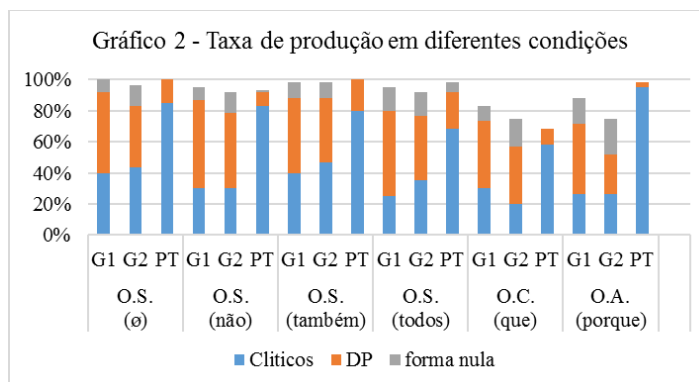
As expressões nominais plenas parecem constituir uma estratégia a que recorrem os informantes chineses, especialmente nos contextos não reflexos.

Não se verificaram efeitos de posição (Tabela 5), ou seja, da variação enclítica ou proclítica, sobre a produção ou a omissão dos pronomes clíticos pelos participantes chineses, tal como observado nos estudos efetuados em PE como L1 (Costa & Lobo, 2007a, 2006).

Tabela 5. Taxa de produção de clíticos reflexos & não reflexos em contextos enclíticos & proclíticos

	Grupo 1		Grupo 2		Controlo	
	Contextos enclíticos	Contextos proclíticos	Contextos enclíticos	Contextos proclíticos	Contextos enclíticos	Contextos proclíticos
Clítico	40,0%	30,3%	43,3%	31,7%	85,0%	77,0%
DP	51,7%	49,7%	40,0%	38,7%	15,0%	13,0 %
Forma nula	8,3%	12,0%	13,3%	16,0%	0%	1,7%
Pronome forte	0%	0,7%	0%	0%	0%	0%
Outros	0%	7,3%	3,3%	13,7%	0%	8,3%

Os dados obtidos nas seis diferentes condições testadas confirmaram esta observação, não revelando efeitos de posição, nem de estrutura sintática, sobre a produção ou a omissão dos pronomes clíticos por parte dos informantes (Gráfico 2).



Os participantes também não mostraram sensibilidade às restrições à ocorrência dos objetos nulos em português, uma vez que se registraram “formas nulas” em contextos de ilhas, até mais do que nos de “ilhas” (Tabela 6).

Tabela 6. Taxa de produção em contextos de “ilhas” & “ilhas”

	Grupo 1		Grupo 2		Controlos	
	Contextos (ilhas)	Contextos (ilhas)	Contextos (ilhas)	Contextos (ilhas)	Contextos (ilhas)	Contextos (ilhas)
Clítico	33%	26,7%	35%	26,7%	75,0%	95%
DP	51%	45%	41,7%	25%	15,3%	3,3%
Forma nula	10,3%	16,7%	14%	23,3%	1,7%	0%
Outros	5,7%	11,7%	9,3%	25%	8,0%	1,7%

* Nota: Os dados dos contextos “ilhas”, nesta tabela, correspondem aos obtidos nas condições de orações simples e de orações completivas, enquanto os dados dos contextos “ilhas” correspondem aos obtidos nas condições de orações adverbiais.

(2) Colocação

Com base nos resultados acima apresentados, procedeu-se a uma análise exploratória sobre a colocação de clíticos nas produções dos participantes, utilizando-se os dados obtidos dos contextos reflexos, em que os pronomes clíticos foram mais frequentemente produzidos. Só se incluíram na contagem as frases em que foram produzidos clíticos.

Vimos que há sempre ocorrência de ênclise em contextos de próclise, mas não há ocorrência de próclise em contextos de ênclise (Tabela 7).

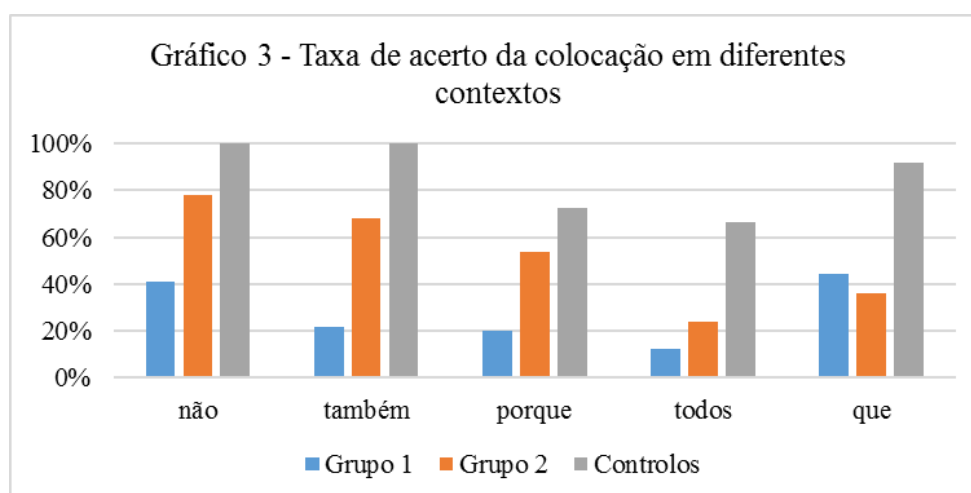
Tabela 7. Taxa de colocação enclítica & próclítica

	Grupo 1		Grupo 2		Controlos	
	Contextos enclíticos	Contextos próclíticos	Contextos enclíticos	Contextos próclíticos	Contextos enclíticos	Contextos próclíticos
Ocorrência de ênclise	100%	71,9%	100%	46,2%	100%	14,7%
Ocorrência de próclise	0%	28,1%	0%	53,8%	0%	85,3%

A taxa de acerto dos participantes nos contextos enclíticos foi de 100%, enquanto nos contextos próclíticos a taxa de ocorrência de próclise se mantém inferior a 60%.

Nos contextos de próclise, observa-se um desenvolvimento do grupo 1 para o grupo 2, com diminuição da ênclise e aumento da próclise.

É digno de mencionar que se observaram assimetrias na aquisição de colocação dos clíticos pelos nossos participantes, indicando que os contextos próclíticos não são todos igualmente problemáticos para os aprendentes (Gráfico 3).



Os padrões de colocação em alguns contextos, como, por exemplo, no de negação, poderão desenvolver-se mais cedo que nos outros, sugerindo uma ordem possível da aquisição como:

negação > advérbio > oração adverbial > quantificador (sujeito). Esta ordem é semelhante à observada na aquisição de português L1.

6. Discussão e conclusões preliminares

Neste trabalho, através de um teste de produção induzida, tentámos caracterizar o processo de aquisição dos pronomes clíticos em PE por aprendentes chineses.

Os dados obtidos revelaram-nos que:

- Os aprendentes chineses produziram pronomes clíticos, embora estes não sejam a sua opção preferida.
- Observou-se um fenómeno de omissão, tal como registado nos estudos em L1, com uma taxa por volta de 10% nos resultados globais (11,4% no grupo 1 e 15,6% no grupo 2), mais elevada do que a encontrada no grupo de controlo (1,4%).

Aliás, estas taxas de omissão parecem bastante reduzidas, se as compararmos com os resultados registados em L1. Nos estudos de Silva (2008, 2010), por exemplo, as taxas de omissão relativas aos pronomes clíticos acusativos de 3ª pessoa são de 87,5% nas crianças de 3-4 anos, 68,98% nas crianças de 4-5 anos, 44,35% de 5-6 anos e 52,5% nas crianças de 6-6,5 anos (Tabela 8).

Tabela 8. Comparação de taxas de omissão em L2 e L1

	L2		L1			
	Grupo 1	Grupo2	Crianças (3-4)	Crianças (4-5)	Crianças (5-6)	Crianças (6-6,5)
Omissão	11,4%	15,6%	87,5%	68,98%	44,35%	52,5%

- Quanto à produção/omissão dos pronomes reflexos e não reflexos, os dados do presente teste acabaram por mostrar que os participantes quase não produziram clíticos não reflexos, mas também apresentam taxas de omissão baixas. Manifestaram uma preferência pelo uso de DP plenos, especialmente nos contextos reflexos.

Esta observação é bastante diferente dos resultados obtidos em PE L1. Comparamos os nossos resultados com, por exemplo, os de Costa & Lobo (2007b), estudo realizado com as crianças de idades entre os 3 e 4 anos (Tabela 9).

Tabela 9. Comparação de taxas de produção & omissão de pronomes (não) reflexos

	Grupo 1		Grupo 2		Crianças (3-4 anos)	
	Reflexo	Reflexo	Reflexo	Reflexo	Reflexo	Reflexo
Clítico	62,2%	1,7%	64,4%	2,8%	47,4%	13,0%
Omissão	21,7%	1,1%	16,7%	14,4%	41,5%	67,0%
DP	10,0%	90%	7,2%	70,6%	≤ 11,1%*	≤ 20%*

* Nota: Não se apresentam aqui percentagens exatas porque os dados originais incluíram também produções dos participantes que não recorrem à estrutura em discussão, para além das produções de DP plenos.

- A variação de posição e os contextos sintáticos não parecem ter um efeito significativo sobre as produções de clíticos, como em L1.
- Nem se verificou nenhum conhecimento ou sensibilidade em relação às restrições de omissão dos pronomes clíticos em português por parte dos participantes chineses.

Estes resultados contrastam com as observações dos estudos de Costa e Lobo (2007), em PE L1, e de Fiéis e Madeira (2016), em PE L2 com participantes falantes nativos de chinês. Ambos testemunharam uma redução considerável na taxa de omissão em contexto de ilha, comparando com a observada em frases simples (Tabela 10).

Tabela 10. Comparação entre os dados de produção de português L2 e L1

	L2						L1	
	Grupo 1		Grupo 2		Chinês (Fiéis & Madeira, 2016)		Português (Costa & Lobo, 2007)	
	Hha	Ilha	Hha	Ilha	Hha	Ilha	Hha	Ilha
Clítico	33%	26,7%	35%	26,7%	26,9%	63,4%	4,8%	0%
Forma nula	10,3%	16,7%	14%	23,3%	55,9%	14,3%	76,2%	34,8%

Em relação à colocação:

- A posição proclítica dos pronomes clíticos, em comparação com a posição enclítica, parece mais problemática para os aprendentes chineses, como o que se observou em L1.
- Verificou-se a preferência pela posição enclítica nos contextos proclíticos entre os participantes do grupo 1.
- O desenvolvimento destas propriedades poderá seguir um percurso semelhante ao percurso de aquisição sugerido em PE como L1 e também ao que tem sido observado no PE L2 de falantes de outras línguas, como por exemplo, de italiano, espanhol, inglês, entre outros (Madeira, Crispim & Xavier, 2006; Madeira & Xavier, 2009).

7. Notas finais

Os poucos dados que se disponibilizam neste momento não nos permitem realizar mais interpretações ou tirar conclusões firmes sobre os fenómenos em discussão, mas criaram-nos pistas para futuros estudos mais aprofundados sobre a matéria.

Assim, com respeito aos resultados obtidos do teste, foram observados alguns aspetos que poderá ser interessante explorar em trabalho futuro, como, por exemplo:

- Efeitos da L1. A preferência pela estratégia de uso de DP plenos por aprendentes chineses que não se encontrou em PE L1, nem se verificou amplamente em outros estudos de PE LE, talvez tenha a ver com a sua língua materna;
- Efeitos da LE. As semelhanças ao observado em PE L1, como, por exemplo, o percurso de aquisição de padrões de colocação de clíticos, apontam, talvez, para efeitos da língua-alvo na aquisição das propriedades;
- Relação entre o ensinado e o aprendido. Tal como acima referido, há indícios de que o desenvolvimento das propriedades sintáticas dos clíticos segue um determinado percurso. Será que este percurso tem a ver com a ordem de ensino? É uma questão duvidosa, pois sabemos que pelo menos uma parte dos padrões de colocação (por exemplo, os relativos às orações negativas e a certos quantificadores como proclisadores) foi apresentada, de uma só vez, aos alunos chineses, mas vamos verificar melhor esta hipótese em futuros trabalhos;
- Ajustamento das estratégias de ensino da língua. Os resultados deste trabalho, apesar de serem ainda preliminares, sugeriram-nos algumas características da aquisição das propriedades dos pronomes clíticos em PE, as quais podem ser, de alguma forma, úteis para o ensino/aprendizagem destes conhecimentos. Informado destas características, um professor pode, talvez, dar mais ênfase, durante o ensino, às propriedades classificadas como mais problemáticas e tardiamente adquiridas, facilitando assim aos alunos o domínio dos conhecimentos.

Com base nos dados e nas conclusões preliminares deste estudo, daremos continuidade à exploração da temática da aquisição dos pronomes clíticos por aprendentes chineses.

Referências bibliográficas

- Costa, J. & Lobo, M. (2006). A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo? In *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados* (pp. 285-293). Lisboa: APL.
- Costa, J. & Lobo, M. (2007a). Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? In S. Baauw, F. Drijkoningen & M. Pinto (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2005* (pp. 59-72). Amsterdam: John Benjamins.

- Costa, J. & Lobo, M. (2007b). Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. In *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos selecionados* (pp. 303-313). Lisboa: APL/Colibri.
- Costa, J. & Lobo, M. (2009). Clitic omission in the acquisition of European Portuguese: data from comprehension. In: Pires, A., Rothman, J. (Eds.), *Minimalist Inquiries into Child Language Acquisition. Case Studies Across Portuguese* (pp. 63-84). Mouton de Gruyter, Berlin/New York.
- Costa, J., Lobo, M. & Silva, C. (2009) Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus*, 21(2), 143-162.
- Costa, J. & Lobo, M. (2010). Compreensão de objeto nulo em contextos transitivos e reflexos na aquisição do português europeu. In *Textos Selecionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 339-350). Porto: APL.
- Costa, J., Lobo, M. & Pratas (2013). Produção de clíticos por crianças bilingues e monolingues. In *Textos Selecionados do XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 289-306). Coimbra: APL.
- Costa, J. & Lobo, M. (2013). Aquisição da posição dos clíticos em português europeu. In *Textos Selecionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 271-288). Coimbra: APL.
- Costa, J., Fiéis, A., & Lobo, M. (2015). Input variability and late acquisition: Clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua*, 161, 0–26.
- Fiéis, A. & Madeira, A. (2016). Clíticos e objetos nulos na aquisição de português L2. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1, 359-380.
- Grosso, M. J. (1999) *O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gu, W. J. (2017). Sobre o pronome *se* em português e o seu ensino aos aprendentes chineses. In H.I. Lei (ed.), *Atas do 3.º Fórum Internacional do Ensino da Língua Portuguesa na China* (pp. 125-144). Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- Madeira, A., Crispim, M. L. & Xavier, M. F. (2006). Clíticos pronominais em português L2. In *Textos Selecionados. XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 495-510). Lisboa: Colibri.
- Madeira, A. & Xavier, M. F. (2009). The Acquisition of Clitic Pronouns in L2 European Portuguese. In A. Pires & J. Rothman (eds.) *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese* (pp. 273-299). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Mai, R. (2006). *Aprender português na China: o curso de licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai: estudo de caso*. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro.
- Silva, C. (2008). *Assimetrias na Aquisição de Clíticos Diferenciados em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.